Da ordem do corpo ao *corpo sem órgãos* em *Ciranda de pedra*
de Lygia Fagundes Telles

Roniê Rodrigues da Silva¹

Licilange Gomes Alves²

Resumo: Este artigo tem como objetivo desenvolver uma análise do romance *Ciranda de Pedra* sob o prisma do conceito de Corpo sem Órgão (CsO), revisitado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, cuja obra permite-nos pensar de forma muito ampla sem perder a essência filosófica. Na ocasião, debatemos também outros termos trabalhados pelos filósofos nos volumes de *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia*, como *devir-mulher*, *espaço liso* e *estriado*, *territorialização*, dentre outros. Nosso foco de investigação recairá na conduta da personagem Laura, mulher que atravessa vários estigmas de uma sociedade patriarcal, enfrentando dentro si o travamento de uma luta entre o seu corpo disciplinado, obediente às regras desse sistema, e o corpo que quer ser construído, o Corpo sem Órgão, subversivo ao disciplinamento. Embora seja possível encontrarmos muitas pesquisas no Brasil que explorem tais conceitos em vários campos do saber, na literatura, porém, a aplicação destes é ainda insuficiente. Assim, o presente trabalho, além de contribuir para a ampliação de tais discussões, configura-se como uma abordagem interdisciplinar por conciliar duas áreas do conhecimento, Literatura e Filosofia, refletindo sobre possibilidades de se criar estratégias para o enfrentamento às hegemonias vigentes no cenário contemporâneo.

Palavras-chave: *Ciranda de Pedra*. Corpo sem Órgãos. Opressão feminina.

Abstract: The aim of this paper is develop an analysis about the novel *Ciranda de Pedra* from the point of view of the concept of Body without Organs (BwO), reviewed by Gilles Deleuze and Félix Guattari, whose work allows thinking in a wide way without losing the philosophical essence. Occasionally, I also debate other terms studied by Deleuze and Guattari in the volumes of *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* such as the *becoming-woman*, *smooth and striated space*, *territorialization*, among others. The investigation focus of this work falls on the behavior of the character Laura, a woman who goes through many stigmas of a patriarchal society, facing inside herself the waging of a fight between her disciplined body, obedient to the rules of this system, and the body that wants to be built – the Body without Organs – subversive to disciplining. Although it is possible to find a

¹ Professor Doutor do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: rodrigopinon2014@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: licilangealves@hotmail.com

lot of researches in Brazil that explore such concepts in many fields of knowledge, in Literature, however, their applications are still insufficient. Therefore, this work, besides adding to the growth of such discussions, configures as an interdisciplinary approach to conciliate two areas of knowledge, Literature and Philosophy, to think over possibilities of creating strategies to the confrontation of the current hegemonies in the contemporary outlook.

Keywords: *Ciranda de Pedra*. Body without Soul. Women's Oppression.

INTRODUÇÃO

As classes dominantes, detentoras dos meios de produção, estabelecem ideologias, manipulando o modo como as massas agem no campo social. Seu foco é o disciplinamento, usando o corpo como parte do processo. Os sujeitos, assim, não são donos de si, mas sendo o corpo o objeto-alvo dessas manobras, ele constitui-se como um dos melhores instrumentos de resistência, pois através dele é possível ter acesso às satisfações proibidas e, assim, burlar imposições.

A atual conjuntura consumista tem como objetivo adaptar o corpo à produção capitalista, eis o porquê de tanta atenção ao corpo atualmente, posto que ele precisa ter saúde, polidez e caracterizar-se por uma obediência para que possa ser útil e perpetuar os interesses do sistema. No cenário dessa discussão é que se situa a noção de Corpo sem Órgão³, doravante, CsO, representando uma tomada de posição frente a uma série de imposições feitas ao sujeito. Através deste conceito deleuze-guattariano, trabalharemos aqui questões de gênero e de sexualidade, haja vista estes dois elementos realizarem-se no mesmo território: o corpo.

Tematizar estudos sobre o corpo é dar espaço às minorias, uma vez que é nos corpos dos sujeitos mais vulneráveis, especialmen-

³ Termo cunhado por Antonin Artaud, discutido no livro *Escritos de Antonin Artaud*, org. por Cláudio Willer. Para o presente estudo, no entanto, tomaremos as considerações de Gilles Deleuze e Félix Guattari que revisitam o termo, expandido a sua significação do ponto de vista da filosofia.

te, que as hegemonias imperam. Trazer as minorias para o âmbito das discussões acadêmicas corresponde a uma tentativa de romper com o silenciamento de vozes historicamente marginalizadas. É, portanto, uma forma de resistência, tão necessária contra as forças dos sistemas de opressão historicamente vigentes nas sociedades.

Nesse embate, Michel Foucault (1996) adverte que o discurso é um elemento perigoso sobre o qual operam diversos sistemas de coerção. Os discursos, sobretudo os que se referem à sexualidade, são controlados por procedimentos de interdição, revelando o controle do desejo e a manutenção do poder por determinadas instituições. Quando se discute sexualidade, o que se pretende é disciplinar o corpo, suscitando questões de gênero, já que a figura feminina, principalmente, é vítima por excelência de uma sociedade que legitima o direito do homem sobre o corpo da mulher.

É particularmente à mulher que nos referimos quando citamos minorias neste texto, o qual busca realizar uma leitura crítica do romance *Ciranda de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles, objetivando analisar a personagem Laura à luz das noções relativas ao CsO, termo discutido pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari na coletânea *Mil Platôs*— Capitalismo e esquizofrenia, embora citemos outras nomenclaturas também trabalhadas por eles. Trazer à cena as minorias é, em si, uma forma de resistência por lembrar essas parcelas que sucumbem à opressão. Nesse intento, a literatura configura-se como espaço propício para se levantar questões em torno de diferentes discursos, particularmente os das alteridades minoritárias.

2 O (não) lugar do corpo na sociedade

O corpo tem ganhado destaque nas pesquisas de muitos estudiosos, dentre os quais se destacam Michelle Perrot (2012), Judith

Butler (2003) e Pierre Bourdieu (2010). No caso do corpo feminino, trata-se de uma instituição que abriga variada conotação: nele são suscitadas questões estéticas, haja vista exigir-se eterna beleza e feminilidade da mulher. A este corpo são feitas exigências patriarcais, manifestadas, por exemplo, na disponibilidade sexual que a mulher deve ter, assim como a propensão para a maternidade e habilidades domésticas. É, portanto, um corpo submetido a inúmeras vulnerabilidades.

Desse modo, é especialmente no corpo feminino onde são travados embates por configurar-se como um lugar de construção de sentidos. É nesse mesmo corpo onde ocorrem reivindicações de diversas instituições - Estado, Igreja, Sociedade Patriarcal - por julgarem-se proprietárias dele, eis porque falamos, no subtítulo, de (não) lugar do corpo, haja vista o fato de ele não ter um lugar definido: não pertence à mulher, já que esta não dispõe de liberdade para fazer dele o que quiser sem enfrentar censura, mas também não pertence a essas outras entidades, já que estas não o abrigam, de fato, em si.

O corpo feminino carrega marcas de repressões construídas ao longo da história das sociedades. Simone de Beauvoir (*apud* BUTLER, 2003, p. 31-32) considera que o corpo feminino deve ser “instrumento de liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora”. Ao defender que a mulher precisa de liberdade, esta filósofa desconstrói estigmas que foram moldados em torno desse corpo, como, por exemplo, a ideia de que a razão está para a masculinidade, assim como o corpo está para a feminilidade.

Internalizado no corpo feminino está o discurso masculino, que sempre exigiu dele castidade. Perrot (2012) conta que, até o século XX, a virgindade feminina era celebrada e vigiada, inclusive, para a honra da família. A mulher deveria manter-se casta para não ganhar

o adjetivo de 'fácil', caso contrário, os homens não queriam mais casar-se com ela. Por essa feita, o sexo das mulheres era, e em muitos casos ainda é, considerado propriedade dos homens, devendo "ser protegido, fechado e possuído. Daí a importância atribuída ao hímen e à virgindade. Principalmente pelo cristianismo, que faz da castidade e do celibato um estado superior" (PERROT, 2012, p. 64). O corpo da mulher, por muito tempo, foi atravessado por um rígido controle. Os homens, entretanto, têm todo o direito de se esgotar no prazer proporcionado pelas mulheres, já que somente a eles é dado o direito do prazer, nunca a elas.

Em sociedades mais tradicionais, as mulheres que se entregavam aos seus instintos sexuais eram punidas e recebiam o adjetivo de ninfomaníacas. A pesquisadora Magali Engel (*apud* DEL PRIORE, 2010, p. 340) afirma que, para médicos da época, século XIX, a mulher que apresentasse comportamento sexual tão exacerbado quanto o do homem, era encaminhada para tratamentos psiquiátricos e recebia anestesia sexual, pois era vista como patológica, já que o "normal" era as mulheres serem sexualmente recatadas, atendendo a uma imagem esperada.

A essa imagem associamos o conceito de *rostidade* - também discutido por Deleuze e Guattari na mesma coletânea aqui trabalhada - que, embora lembre rosto, refere-se ao corpo como um todo. Trata-se de uma máquina de rostidade, chamada assim porque produz socialmente o rosto, operando uma rostificação. A rostidade é algo estabelecido, pois cada um deve ter o rosto que atenda às expectativas alheias, daí porque Deleuze e Guattari (2012) considerarem que o desejo é um monitoramento biopolítico do social.

O despertar do desejo seria uma estratégia para controlar o que o corpo deve, ou não, querer. Praticar o exercício de rostidade é

encaixar indivíduos em perfis definidos, indo ao encontro do que pretendem as forças de poder que buscam disciplinar os corpos. A máquina abstrata de rostidade opera a partir de um ângulo de significância e de interpretação (muro branco, onde se fixa significante e significado) e de um ângulo de subjetivação (buraco negro, onde se fixa uma sujeição), conforme discutem os filósofos do *Mil Platôs*.

Em consonância com a ideia de domesticação do indivíduo, Engel (*apud* DEL PRIORE, 2010) considera que muitas das transformações ocorridas no final do século XIX contribuíram para que fossem desenvolvidas estratégias de disciplinarização dos corpos e das mentes com base numa nova configuração trabalhista e de novos comportamentos dos sujeitos nos campos afetivo, social e sexual. Mesmo na atual sociedade, o corpo continua sendo tomado como objeto, a começar pelo feminino, o qual é educado para receber ordens que devem ser cumpridas desde muito cedo. Vejamos:

Ora, é à menina, primeiro, que se rouba esse corpo: pare de se comportar assim, você não é mais uma menininha, você não é um moleque, etc. É à menina, primeiro, que se rouba seu devir para impor-lhe uma história, ou uma pré-história. A vez do menino vem em seguida, mas é lhe mostrando o exemplo da menina, indicando-lhe a menina como objeto de seu desejo, que fabricamos para ele, por sua vez, um organismo oposto, uma história dominante. (DELEUZE e GUATTARI, 1997a, p. 69)

No processo de apropriação do corpo, inicialmente é o da mulher que é instruído para seguir uma série de exigências. É um corpo disciplinado numa cultura que ceifa da mulher suas subjetivações e seus direitos sobre si mesma. O corpo masculino também é roubado para ser inserido em um disciplinamento, porém, com um direcionamento distinto: apropriar-se do corpo feminino. Enquanto o

corpo do homem é moldado para usar o corpo da mulher, este é moldado para servi-lo. A mulher é apresentada ao homem como objeto para ratificar a sua masculinidade, necessária ao seu tornar-se homem.

A sexualidade é sempre policiada e somente o matrimônio é considerado seu altar de sacralização, caso contrário, ela é colocada no terreno do profano, já que quando não é vivenciada por indivíduos heterossexuais e com fins de procriação, a sexualidade é condenada. Anthony Giddens (1993) aplica o termo 'sexualidade plástica' para se referir à sexualidade sem fins de reprodução. Seria a sexualidade independente, que, para cada sexo, apresenta uma conotação diferenciada:

[...] em sua maioria, as mulheres têm sido divididas entre as virtuosas e as perdidas, e as 'mulheres perdidas' só existiram à margem da sociedade respeitável. Há muito tempo a 'virtude' tem sido definida em termos da recusa de uma mulher em sucumbir à tentação sexual, recusa esta amparada por várias proteções institucionais, como o namoro com acompanhante, casamentos forçados e assim por diante. (GIDDENS, 1993, p. 16)

Conforme a citação, o corpo da mulher é construído segundo seus posicionamentos de recusa/aceitação à vivência da sexualidade. Somente as mulheres em consonância com uma conduta esperada são chamadas de 'virtuosas', em contraposição às que agem em desacordo com tais. O corpo feminino sempre esteve inserido nesses aprisionamentos ideológicos impostos e é isso que perceberemos na sequência deste trabalho ao focarmos a personagem Laura, do romance de Lygia Fagundes Telles, que padece a toda opressão até rebelar-se em prol de seus prazeres.

3 Laura: (des)caminhos da loucura

Em *Ciranda de Pedra*, emergem representações de uma (des)ordem familiar por meio da qual se pode refletir sobre os perturbados vínculos sociais, a delicada fronteira entre o amor e o ódio, o ideal de família, a conduta da mulher e a crença religiosa. O cerne de todas as problemáticas presentes no enredo é constituído pela relação triangular manifestada pelos personagens de Laura, Natércio e Daniel.

O romance é dividido em dois momentos e o desenrolar das ações chega ao leitor de maneira fragmentada. Na primeira parte, Laura aparece com problemas mentais, já separada de Natércio e residindo com o amante Daniel e a filha Virgínia. O leitor é incitado a reconstituir parte da história não narrada de forma direta, mas que se pode subentender: Laura fora casada legalmente com Natércio com quem construiu uma família de classe média, apenas aparentemente feliz, como se pode inferir na sua confissão:

[...] Fazia anos que eu não ia a nenhuma festa, a parte alguma, ele detestava sair comigo, nosso passeio era visitar a família, ficar horas e horas na saleta dourada, cheia de mortos e de retratos de mortos, ouvindo as gêmeas tão iguais! Uma recitava, depois a outra cantava, depois a outra recitava, alternadamente...Você tem suas filhas!, ele costumava me dizer (TELLES, 1998, p. 30-31).

Conforme o trecho, os eventos sociais experimentados pelo casal estão configurados dentro do círculo familiar como se não existisse vida fora dessa instituição. Notamos a monotonia à qual está relegada Laura durante sua vivência com Natércio. O lazer se limitava às visitas à família, tudo sempre no enclausuramento doméstico, já

que Natércio não demonstra gosto de sair com Laura, conforme ela relata. Na passagem transcrita acima, a mulher cita uma cantoria feita pelas gêmeas iguais, talvez simbolizando a repetição dos seus dias naquele casamento. Percebemos ainda a insistência de Natércio ao repetir para Laura que ela tem duas filhas, lembrando-a seu papel de mãe.

No seu relacionamento com Natércio, Laura vivia presa às amarras de um matrimônio falido. Consoante se pode notar, ela tem uma rotina enfadonha sem grandes acontecimentos, possuindo deveres legitimados por uma convenção social que a situa no plano da ordem familiar. Dentro dessa relação, ela pode, aparentemente, ocupar uma posição respeitável, mas não importa que esteja feliz, e sim que cumpra seu papel de mãe e mulher casada, servindo aos gostos de Natércio e das filhas. A lógica instaurada nesse princípio é a de uma sociedade patriarcal para a qual o destino da mulher deve ser o casamento, os afazeres do lar e a obediência ao marido.

Regina Garrancho da Silva (2003), discorrendo a respeito do lugar do feminino dentro da sociedade patriarcal, destaca que a mulher, tradicionalmente cognominada “rainha do lar” e “patroa”, sempre esteve envolta de expectativas. Essas expressões apontam os papéis esperados dela nos espaços da família e da educação, como ocorre à Laura, que, conforme o imaginário patriarcal de Natércio, devia preservar-se e cuidar das filhas para manter as aparências exigidas pela posição social que ambos tinham.

É sabido que a mulher ocupa uma condição historicamente desprestigiada em relação à figura masculina, exercendo papel coadjuvante dentro dos vínculos familiares, enquanto o homem desempenha a função de protagonista. Nessa situação, ela, quase sempre, não é dona do seu destino, conformando-se com as circunstâncias

que a cercam, como durante determinado tempo ocorrera à Laura. Entretanto, em algum instante, a personagem resolve romper com essa ordem. Os efeitos negativos do seu comportamento transgressor, naturalmente, sobrevirão, até porque ao longo dos tempos foi atribuída à mulher a designação de louca simplesmente pelo fato de se comportar de maneira avaliada como estranha à sua conduta habitual.

Lygia Fagundes Telles traz em sua produção muitas recorrências à loucura, tratando-a como patologia. Embora não seja temática deste estudo, discorreremos algumas linhas acerca do assunto, uma vez que a liberdade de Laura - o seu CsO - é associada à loucura. Começamos por Michel Foucault (1972), o qual, em seus estudos sobre o tema, revela o quão mutilado foi o corpo do sujeito louco ao longo do seu histórico percurso no Ocidente.

A Era Clássica estabelece uma divisão entre “sexualidade racional”, acontecida no âmbito do matrimônio, e “sexualidade irracional”, ocorrida nas práticas libertinas. Nesse caso, o que legitima o relacionamento não é o sentimento amoroso, mas um contrato social, o casamento. Qualquer forma de envolvimento que não ocorra por meio desta instituição não era aceita, pertencendo, portanto, ao espaço do desatino. Como consequência, o internamento aparece como um castigo para quem vive o amor fora do casamento, conforme veremos detalhadamente em todo o percurso da personagem.

Engel (*apud* DEL PRIORE, 2010) defende que a história da loucura exerce estreitas relações com a sexualidade feminina, contando casos de mulheres “históricas” que apresentaram um quadro de melhora após casarem, o que, em outras palavras, faz do homem o remédio para os males do corpo feminino. A mulher que recusasse a maternidade era submetida a procedimentos, visto que não era con-

siderada normal, já que seu corpo é biologicamente preparado para a procriação e não para o prazer. Essa situação é semelhante à de Laura, que deveria simplesmente ocupar-se em cumprir as obrigações que lhe cabiam.

Uma lógica capitalista atravessa a relação de Laura e Natércio, daí trazermos as considerações de Virgínia Woolf (1990), a qual observa que em sociedades mais tradicionais a mulher era educada para a continuidade da prole, da organização doméstica e para a ascensão profissional do marido. A prosperidade era atrelada ao homem, enquanto a pobreza à mulher, contribuindo para uma dependência financeira desta e sua consequente submissão. No romance, o perfil profissional de Natércio é superior ao de Laura: advogado, publica livros e é proprietário de muitos bens, ratificando que a esposa vive apenas para o recato doméstico, já que o poder e o dinheiro pertencem a Natércio.

Sociedades patriarcais duvidam das capacidades cognitivas da mulher, por isso, consideram que o espaço desta é, por excelência, o doméstico, já que ela sabe apenas “(...) tocar piano e bordar sacolas” (WOOLF, 1990, p. 86). A escritora inglesa lembra da mulher aprisionada pelo contexto familiar e como essa opressão impede o desenvolvimento feminino, semelhante ao que ocorre à Laura, cuja personalidade oscila entre Laura/mulher, que desejava carinho e cuidados, e Laura/esposa, que deveria viver de maneira tolhida, apenas para a obediência ao esposo e aos afazeres do lar.

O lugar atribuído à Laura dentro de sua relação com Natércio confluiu para que o corpo reprimido da mulher acabasse sendo direcionado a um objeto proibido, Daniel, médico da família. Em suas visitas constantes à casa de Natércio, Daniel e Laura se conhecem e terminam se envolvendo amorosamente, pelo menos assim podemos

inferir pela leitura do romance. Como resultado dessas constantes visitas, Laura ignora toda aquela rotina matrimonial que a fazia infeliz e deixa-se seduzir, entregando-se a Daniel.

Após a descoberta do adultério de Laura, Natércio separa-se e a interna em um hospital psiquiátrico, fazendo-a cumprir um destino que seria próprio para os de seu gênero, a esposa que desonra a relação matrimonial. A partir daí, Laura passa a ser julgada pelas filhas mais velhas, Otávia e Bruna, que não hesitam em ficar ao lado do pai, condenando a mãe por se comportar de maneira considerada inapropriada para uma mulher casada e de boa conduta, segundo elas:

-Não podia deixar de acontecer isso, Virgínia. Nossa mãe está pagando um erro terrível, será que você não percebe? Abandonou o marido, as filhas, abandonou tudo e foi viver com outro homem. Esqueceu-se dos seus deveres, enxovalhou a honra da família, caiu em pecado mortal (TELLES, 1998, p. 36-37).

Como se pode notar na fala de Bruna, que é quem mais critica a mãe, pesa sobre Laura o fato de ela ter cometido uma falta avaliada pela sociedade como grave. Ela é acusada de ter abandonado a família por outro homem, como se tivesse cometido um crime de honra, por isso que, em passagens como a citada acima, a filha mais velha chega a ser impiedosa com a mãe, retirando dela qualquer chance de se explicar acerca dos motivos que a levaram a uma situação considerada como reprovável.

Bruna vale-se de argumentos religiosos para condenar Laura, que na condição de esposa e de mãe, teria deveres a cumprir, dos quais não poderia nunca ter abdicado, embora fosse infeliz na sua relação com Natércio. Nesse sentido é que, cedendo aos próprios

desejos, ela é apontada como culpada por macular a honra da família, devendo por conta disso ser castigada, já que agiu em desconformidade com os ensinamentos cristãos. Cabem aqui os estudos de Judith Butler (2003, p. 199), para a qual:

[...] os comportamentos sociais (virgindade, renúncia sexual, casamento, respeito ao corpo) das mulheres nas comunidades cristãs foram fundamentais para a formação de uma ideologia misógina que permearia certas regras eclesiásticas até a idade contemporânea.

É como se houvesse, na religião, uma hierarquia entre os sexos masculino e feminino que acentua a desigualdade entre ambos. Na opinião de Perrot (2012), isso ocorre porque os que estão à frente das religiões são homens e estes subordinam as mulheres. Existe, portanto, uma imposição colocada pela religião sobre a mulher, tirando, dessa forma, a sua autonomia sobre o próprio corpo.

4 O CsO de Laura

Retomemos as considerações de Deleuze e Guattari (2012) a respeito da noção de CsO, ideia ligada à busca da liberdade e ao anseio de apreciar a existência sem utilidade prática, para fazermos uma leitura crítica acerca do comportamento de Laura. Quando os órgãos são constituídos, formando um organismo, o corpo passa a ser útil dentro da sociedade, destinando-se a objetivos diversos. Através do organismo, o sujeito se torna útil ao capital, logo, sem liberdade para si, funcionando segundo imposições preestabelecidas. Assim, o CsO é um conjunto de práticas que buscam desprender-se da repressão:

A superfície de organismo, o ângulo de significância e de interpretação, o ponto de subjetivação ou de sujeição. Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo — senão você será um depravado. Você será significativo e significado, intérprete e interpretado — senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado — senão você será apenas um vagabundo. (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 25)

O CsO se opõe ao conceito de organismo, esvaziando as significâncias e as subjetivações predeterminadas. Enquanto o organismo vive em função de interesses capitalistas, o CsO busca fazer com que o corpo se torne improdutivo, deixando, conseqüentemente, de ter finalidades e transgredindo regras. Para Deleuze e Guattari (2012, p. 24), o organismo atua “sobre o CsO [...] que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil”.

Analisando o comportamento da personagem de Lygia Fagundes Telles por esse viés deleuze-guattariano, seria possível dizer que Laura, ao romper com uma ordem que lhe foi socialmente imposta, busca ressignificar o próprio corpo, dando vazão aos seus desejos. Dessa maneira, ela atribui nova significação a este corpo de modo a atender aos seus desejos de mulher que não suporta mais ser refém do tradicional aprisionamento construído pelo marido patriarcalista e pelos padrões domésticos. Suas intenções confluem para a convivência de outros prazeres, sentimentos e experiências.

Laura transgride a ordem de utilidade do organismo no qual vivia para realizar-se no CsO em que passa a viver, isto é, no que, para ela, representa a liberdade, pois o CsO quer se realizar dentro de novas situações que ainda não conheceu porque o sistema social tratou de reprimi-las. É essa repressão que Bruna procura trazer à tona

quando recorre ao discurso bíblico para julgar o comportamento da mãe. Em sentido metafórico, ela busca reanimar as instâncias que regulam, vigiam e oprimem o corpo feminino.

A loucura atribuída à Laura é interpretada em nossa análise mais como algo que foi construído pelas circunstâncias que a cercam do que, necessariamente, como uma patologia. Após a possível descoberta de sua doença, se assim podemos chamar, Laura torna-se excluída do círculo familiar de legitimidade, o que talvez seja considerado como uma justificativa para afastá-la das instâncias sociais de modo mais favorável à manutenção das aparências, já que assumir o adultério seria mais vergonhoso para a família.

Laura é considerada louca por desafiar uma sociedade que não admite que a mulher vivencie seus desejos. O internamento é uma forma encontrada por Natércio para fazê-la pagar pelo escândalo que cometera. Em conversa com Bruna, Virgínia questiona a postura de Natércio, ao passo que a irmã responde: “- Mas o que é que você queria que ele fizesse? O quê? Apaixonada como estava por outro homem, todo mundo comentando o escândalo” (TELLES, 1998, p. 37). A preocupação de Bruna se volta mais para a reputação da família exposta aos comentários alheios do que, necessariamente, com a mãe.

Natércio toma essa decisão para evitar o desenvolvimento do escândalo. A loucura de Laura é, portanto, criada por um marido ressentido que não aceita que a “boa moral” familiar seja retirada para revelar desejos obscuros, manchando a superfície polida daquela família de classe média. Ao encaminhar a esposa ao sanatório, ele visa a interdição do desejo da mulher e o conseqüente controle de seu corpo.

Natércio reclamava Laura para si por dois motivos: por julgá-la

propriedade sua, já que Laura devia-lhe obediência, e pelas filhas, que, após a separação, condenavam Laura por ter se entregado a outro homem. Laura passa então a viver sob os cuidados de Daniel. Possivelmente, aos poucos, o distúrbio mental, propriamente dito, vai sendo desencadeado. Entendemos que são os acontecimentos de ambos os contextos, do legítimo e do ilegítimo, que vão propiciando o surgimento dessa loucura na personagem.

Para Frayze-Pereira (1984), a loucura pode significar uma desordem na personalidade do sujeito. É nela onde a doença reside e é através dela que o indivíduo é julgado. O sujeito que assume uma postura transgressora ao habitual padrão de determinada sociedade passa a ser visto como louco. Assim, além do viés da exclusão, o louco também pode ser percebido pela subversão por ele ser considerado como alguém que transgride uma ordem existente.

Desse modo, o diagnóstico da loucura depende mais de fatores culturais e sociais, não diferente do que ocorre à Laura que, vivendo em um contexto opressor e tradicional, é considerada louca por desviar-se das expectativas que legitimam o gênero feminino. O diagnóstico da loucura, no romance, parte de uma subjetividade, pois ao optar por aceitar o contexto matrimonial com Natércio, Laura é tida como mulher racional e virtuosa. Entretanto, para ela própria, aquele aprisionamento não a deixa satisfeita, o que também poderia ser visto como insano abrir mão dos próprios desejos em prol de terceiros.

Embora o discurso de Laura advenha de uma mulher considerada insana, em certos momentos de seus delírios, observamos possíveis indícios de informações de sua vida sendo relatados em seu próprio discurso, como o que é dito no fragmento que segue:

Quando já ia saindo, no último instante, vi na caixa o cravo vermelho e não sei por que tive vontade de

levá-lo também, era um cravo de um tom violento, profundo. Então Natércio me olhou demoradamente, um olhar que fez murchar meu vestido, meus cabelos, minha flor... Por que essa flor?, perguntou ele. Qualquer prima-dona de subúrbio gostaria de usar uma flor assim (TELLES, 1998, p. 30).

Nesse trecho, ao referir-se ao olhar do ex-marido Natércio como algo que a fazia 'murchar', Laura deixa subentendido o poder expresso no modo como ele agia na repressão de seus desejos, apagando suas vontades. Assim, é possível que ela tenha transgredido às normas sociais porque passa a ter em Daniel tudo aquilo que não tinha em Natércio, o que contribuiu para se deixar seduzir pelo primeiro.

Vemos que é no próprio seio familiar onde a personagem encontra menos apoio, sendo ignorada e julgada, situação que vai ao encontro do posicionamento de Pierre Bourdieu (2010), quando este atribui à família, principalmente, os papéis de reprodutora da dominação masculina, disseminadora da cultura patriarcal e difusora de uma inferioridade feminina, condenando as falhas das mulheres e considerando corretas suas práticas sexuais somente se forem vividas dentro do matrimônio.

4.1 O devir de Laura

Apesar de passar por várias consequências desagradáveis em virtude de burlar normas legitimadas para vivenciar seu CsO, Laura se sobressai porque se permite realizar-se em seus desejos, deixando-se devir - outro conceito deleuze-guattariano que tratamos aqui para discutir sobre a realização dessa personagem enquanto mulher. Mas Laura, incumbida de muitas responsabilidades (mãe, doméstica, esposa) impostas por um regime patriarcal representado por Natércio,

não vivenciava o devir-mulher durante seu primeiro casamento. Referimo-nos a noção do devir, pensando nas considerações de Deleuze e Guattari (1997a) para quem o devir é vivenciado pelas minorias, daí porque os filósofos tratem de devir-mulher, devir-criança e devir-animal.

O homem, definido por seu modelo dominante (heterossexual, adulto, branco, ocidental) territorializa os modelos minoritários, tidos como inferiores a ele. O corpo, o pensamento e o comportamento femininos foram definidos por homens e, desse modo, a essência feminina, o eu-mulher, acabou se dispersando. Eis aí a necessidade do devir no sentido de desterritorializar - conceito discutido por Deleuze e Guattari na mesma coletânea aqui trabalhada e que se refere ao abandono de um território por meio de linhas de fuga. Neste contexto, trata-se de tirar o homem de sua postura centralizadora, rompendo com sua dominação, desestabilizando seus padrões dominantes.

Os homens também precisam devir no sentido de tornarem-se impregnados de subjetividade através das moléculas espalhadas de feminilidade, de forma que a sua falocracia se torne impregnada de partículas femininas, anulando a cultura machista que oprime o outro sexo. Ao devir-mulher, o homem passa a viver como mulher no sentido de compreendê-la sem fazer distinção entre gêneros. Deixa de haver, portanto, essa dualidade que torna um superior e o outro inferior.

Devir compreende também o processo do desejo. O devir de Laura seria iniciado a partir do momento em que ela liberta-se da clausura matrimonial e passa a vivenciar seus desejos femininos, até então reprimidos. Dela, tenta-se roubar o direito de devir, mas ela afronta as imposições, optando por não resistir à presença de Daniel

e às suas próprias vontades. O devir seria outro modo de viver experimentado por Laura. Neste sentido, não seria adequado dizer que Daniel proporcionou o devir à personagem, mas que ele propiciou o caminho para ela realizar-se em seu devir-mulher, já que Daniel chegou apresentando à ela outras perspectivas de realização dos seus instintos femininos. Ao deixar para trás sua enfadonha rotina de clausura, Laura, pela primeira vez, sente-se mulher liberta dos ditames aos quais foi submetida durante toda a sua vida.

O devir está associado à ideia de mudança constante, daí porque ser um conceito fluido. Através do devir, a mulher tem a possibilidade de produzir novas subjetividades para esquivar-se de preceitos determinantes como o capitalismo (com o estímulo ao consumismo), a moral religiosa e o tradicional pensamento das massas. Ela pode reinventar-se, fluir e transitar no espaço liso, criando vida em seu corpo e potencializando suas singularidades.

O espaço liso é irregular, realiza-se onde quiser; é nele que se desenvolve a máquina de guerra, conceituada, segundo François Zourabichvili (2004), como um agenciamento formado sobre linhas de fuga e cujo objeto não é a guerra, mas o espaço-liso, ocupado por ela. Já o espaço estriado é instituído pelo aparelho de Estado – outro termo que, na concepção dos filósofos, remete à soberania do Estado, trata-se de um agenciamento sedentário que aprisiona os sujeitos, impedindo-os de realizar-se em seus desejos. O aparelho de Estado ambienta-se no espaço estriado, que quer deter. É no espaço liso onde se produz o devir e é, portanto, onde Laura se situa, visto que ela realiza uma mudança no fluxo daquele contexto quando passa pelo devir e constrói um CsO, representando uma máquina de guerra contra aos valores do organismo social no qual vivia antes de separar-se de Natércio.

O espaço liso é heterogêneo e permeado por afetos. É onde há corpos sem órgãos; é subversivo e resistente às regras institucionais. O estriado é homogêneo e abriga organismos, logo, tem funcionalidades, daí porque ser aparelho de Estado, espaço cercado, limitado, contrário ao espaço liso, não cercado, sem fronteiras. Naquele o sujeito deve cumprir as regras do Estado, obedecendo às instituições. Já o espaço liso é aberto a fluxos e recebe essa denominação porque nele o sujeito move-se facilmente, deslocando-se. Laura migra do espaço estriado (matrimônio com Natércio, cheio de cumprimentos e obediências) para o espaço liso (vida com Daniel), vivenciando seu devir.

Laura é interpretada em nossa leitura como um sujeito anômala porque resolveu construir linhas de fuga, usando o adultério como válvula de escape para fugir da monotonia matrimonial. A anomalia de Laura é que a fortalece, tornando-a mulher-acontecimento. Ela reside na periferia das instituições, pois rompe com estas, que são tidas como legitimadas. Ao permitir-se devir, Laura desenvolve seu CsO, libertando-se dos disciplinamentos aos quais era submetida. Assim, convém lembrarmos Nilton Milanez (2009, p. 218): “[...] o corpo do qual necessitamos é aquele corpo que foge às disciplinas para viver seus prazeres e paixões”, bem aos moldes do conceito de liberdade vivenciado pela personagem em questão que, ignorando a dicotomia certo/errado, não se priva de experienciar o que é de sua vontade.

Em suma, o devir configura-se como uma necessidade, daí porque todos precisarmos devir. É preciso que qualquer indivíduo, independente do sexo, possa disseminar moléculas no campo social, fazer descobertas, tornar-se percebido para, assim, despotencializar as dualidades (rico/pobre, branco/preto, homem/mulher), já que ho-

je vivemos cercados por dicotomias, ou se é homem ou mulher, ou se é isso ou aquilo. Os devires rompem com esse sistema binário.

Considerações Finais

Questões tematizadas pelo corpo são corriqueiramente retomadas por discursos, isso porque o corpo é socialmente determinado. Ambos os corpos, do homem e da mulher, estão sempre submetidos à vigilância e as imposições histórico-sociais só contribuem para que sejam alimentadas posturas estigmatizadas sobre esses corpos.

A religião também tem sua significativa parcela de contribuição no processo de opressão feminina, haja vista, em suas ideologias, ser defensora da virgindade, cuja preservação, em tempos mais tradicionais, era essencial para que a mulher conseguisse casar, até porque o matrimônio também era uma garantia de sustento para ela. No romance de Lygia Fagundes Telles, a filha Bruna apropria-se destes valores para tentar reativar o organismo de Laura a fim de recolocá-lo dentro de um sistema patriarcal que não considera as vontades e os sentimentos femininos.

A transgressão de Laura corresponde à sua verdade acerca da condição que vivia dentro daquele casamento. Porém, a verdade de Natércio se sobrepõe à dela, tanto que decide segregar a mulher num sanatório, pois o homem é o representante legítimo de uma sociedade tradicional, sendo, portanto, a figura central da família em torno do qual circulam outros discursos, que só podem ser legitimados se corroborarem com o dele, satisfazendo as exigências do seu *modus vivendi*.

Todos os sujeitos podem, no entanto, estar em constantes devires, o que pode justificar a mudança de Laura após conhecer Da-

niel. Essa transformação é interpretada pela família legitimada como sintoma de loucura. Logo, os dois polos que marcam o devir-mulher de Laura são: a.D. (antes de Daniel) e d.D. (depois de Daniel).

Observamos que Laura era uma mulher imersa nas circunstâncias sócio-culturais produzidas pelo discurso falocêntrico. Seu discurso, por não advir do sujeito macho, não tinha legitimidade, portanto, residia numa arena apagada. Seu devir trouxe-lhe a possibilidade de refazer-se. Ela construiu uma Laura para si, desprovida desses ditames e realizando-se no seu CsO. A própria autora do romance considera ser a loucura uma espécie de evasão para a liberdade, opção que vai ao encontro da nova realidade que Laura experimenta, se comparada à anterior vivida com Natércio.

Há instituições legitimadas que diminuem a mulher, mas a chegada do devir-mulher subverte a ordem instituída por elas e proporciona a destruição das imposições. A mulher precisa, portanto, devir no sentido de construir uma história com novas afetividades, encontrar sua essência e descobrir-se. Laura burla a fidelidade conjugal com o marido Natércio, abandona o seio familiar e assume condutas libertinas bem destoantes com as normas religiosas. Interpretamos que sua loucura, aqui, seja fruto de uma subjetividade. Por Laura ter resolvido criar para si um CsO, é considerada louca e segregada do convívio com os 'decentes'.

Centramos nossa análise no corpo feminino, haja vista ser ele o principal alvo de empoderamento das instituições legitimadas, como é a Igreja, o Estado e o matrimônio, sendo que em todas essas perpassam nomenclaturas, como patriarcalismo, machismo, falocentrismo, castidade, lista de dizeres que delineiam essa apropriação do corpo da mulher. Estas instituições potencializam a opressão feminina e corroboram para perpetuar ideologias misóginas em torno desse

corpo.

O que se buscou neste artigo foi o despertar para a necessidade de construção do CsO, reconhecendo-o como meio para se obter a liberdade de vivência das subjetivações corpóreas. É necessário que moléculas de feminilidade sejam, cada vez mais, espalhadas na conjuntura social, atingindo todas as diversidades de gênero, de modo que estas sintam-se empoderadas e possam devir, construir seus CsO e vivenciar outras experiências que sempre foram interceptadas por grupos majoritários.

Trata-se de querer afrontar, não através dos corriqueiros discursos de “igualdade de gênero”, pois a busca da equiparação, segundo os filósofos em questão, muitas vezes, só contribui para ratificar a potência daquele que almeja uma condição de superioridade. A questão é buscar a resistência através daquilo que se é, das armas que se tem, fortalecendo esse corpo que, embora já bastante mutilado, ainda é capaz de recriar-se. O CsO surge, então, como nova possibilidade de recriação.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Maria Helena Kuhner (Trad.). 9ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. (Trad.) Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DEL PRIORE, Mary (Org.) & BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 3. Aurélio Guerra Neto et al (Trad.). 2ª Ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

_____. **Mil platôs** - Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 4. Suely Rolnik (Trad.). São Paulo: Ed. 34, 1997a.

FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRAYZE-PEREIRA, João A.. **O que é loucura**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1984.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades. Magda Lopes (Trad.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

MILANEZ, Nilton. **Corpo cheiroso, corpo gostoso**: unidades corporais do sujeito do discurso. Acta Scientiarum. Language and Culture. Maringá, v. 31, n. 2, p. 215-222, 2009.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. (Trad.) Ângela M. S. Correa. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Regina Carrancho da. (Org.). **Feminino**: a resolução que marca a diferença. Campinas: Editora Átomo, 2003.

TELLES, Lygia F. **Ciranda de Pedra**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. (Trad.) Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. André Telles (Trad.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

Recebido em 07/02/2017

Aceito em 20/07/2017